

Maio de 2005, 60 anos do fim do III Reich*

*Almir Santos***

RESUMO

No final de 1944, não havia mais dúvida de que a Alemanha estava derrotada. Essa certeza provocou uma disputa acirrada entre vários generais pelo direito de entrar triunfante em Berlim. Nesse artigo, vamos lembrar a disputa entre os principais generais nas frentes ocidental e oriental, a batalha das Ardenas, onde por muito pouco a Alemanha não muda o curso da guerra, e, finalmente, procurar entender a estratégia de Eisenhower, parando o imbatível Exército do General Patton; não permitindo que o General Hodger cruzasse o Rio Elba e ocupasse toda a Alemanha, entregando Berlim, gratuitamente, para os soviéticos.

PALAVRAS-CHAVE

Ardenas, General Patton, Marechal Montgomery, Marechal Zukov, Marechal Model, General Eisenhower, General Jold

A batalha das Ardenas

Depois da libertação de Paris pelos aliados e da invasão da Polônia pelos soviéticos, começaram os preparativos para a invasão da Alemanha. Esses preparativos vieram acompanhados de uma guerra particular entre quatro generais. Na frente ocidental Patton *versus* Montgomery. Na frente oriental Zukov *versus* Konev.

A guerra entre os dois primeiros começou na África. Montgomery tinha derrotado os alemães em El Alameim e Patton os venceu em Mareth. Na comemoração da vitória final, a festa foi britânica. O vaidoso General Patton, não foi, sequer, convidado nem para compor o palanque da vitória. Isso deixou colérico o general norte-americano. Na invasão da Sicília, veio o troco. Pelo planejamento inicial, Montgomery avançaria sobre a capital Messina e Patton deveria cobrir seu flanco. Entre-

tanto, como retaliação, o general norte-americano, descumprindo ordens superiores, dirigiu-se para o norte da ilha expulsando os alemães de Palermo. A seguir, partiu em alta velocidade em direção a Messina. Percebendo que a intenção de Patton era chegar na cidade antes dele, Montgomery iniciou sua ofensiva dando origem a uma disputa infantil entre os dois generais. Como diziam os alemães: pareciam duas prima-donas. Patton venceu a disputa entrando triunfante em Messina provocando a ira do general inglês. A partir daí, os dois estiveram sempre em competição que recrudescer com a aproximação do final da guerra.

Na frente soviética, a situação também era de uma grande disputa entre os generais. A maioria acusava o Marechal Zhukov de estar usando a imprensa soviética para se autopromover, uma vez que ela só noticiava seus feitos. Outros o acusavam pela demora em atacar Varsóvia. Chegavam a afirmar que os aliados ocupariam toda a Alemanha, invadiriam a Polônia e o Exército Vermelho não sairia do lugar. O Marechal Konev

* Colaboração do autor.

** O autor é professor e historiador.

ainda se achava no direito de entrar em Berlim. A vaidade dos generais criava uma situação muito delicada para Stalin.

Na reunião com seus marechais, no final de 1944, Stalin perguntou: "Quem chegará primeiro a Berlim?" Quando Zhukov respondeu "nós", o ditador tranqüilizou-se e pouco se importou com a demora da ofensiva final contra a Polônia. Havia uma revolta em Varsóvia organizada pelos nacionalistas e ele não queria, em hipótese alguma, ajudar. Sabia que se vencessem, os nacionalistas lhe trariam problemas, e Stalin queria a Polônia controlada pelos comunistas, por isso preferia que os alemães acabassem com eles. E foi o que aconteceu; Varsóvia foi arrasada e o Exército Vermelho, a poucos quilômetros dali, não fez nada, absolutamente nada, deixou-os morrer.

Na frente ocidental, os três mais importantes generais dos aliados elaboraram planos para a arrancada final. O primeiro foi Patton, comandante do III Exército, que estava com grande prestígio devido a sua brilhante atuação na libertação da França, considerada por todos simplesmente espetacular. Pelo seu plano, o III Exército cruzaria o Rio Sena, avançaria até a fronteira e invadiria a Alemanha rompendo a linha Siegfried. Graças ao estudo de documentos capturados na frente de batalha, as informações de prisioneiros de guerra e a interceptação de mensagens de rádio do inimigo, Patton tinha certeza de que essa linha defensiva estava desguarnecida tanto de homens como de equipamento. Tudo havia sido transferido para a frente soviética.

O plano de Montgomery propunha uma ofensiva pela Bélgica, com três exércitos: dois ingleses e um norte-americano. Um exército norte-americano não participaria do ataque, ficaria na retaguarda consolidando as posições. Pelo plano, esse exército seria o III Exército. Fosse qual fosse a intenção de Montgomery, estava claro que ele não queria Patton na ofensiva final.

O plano de Bradley, comandante do grupo de exércitos norte-americanos, era basicamen-

te o mesmo de Montgomery, com pequenas modificações. Primeira: não concordava que todo o I Exército norte-americano ficasse sob comando inglês, apenas parte dele. O III Exército também invadiria a Alemanha, porém na região de Manheim, avançando até a Tcheco-Eslovaquia. Na realidade, ninguém queria Patton avançando em direção a Berlim porque, pelo seu histórico, ele entraria na cidade com ou sem autorização.

Mesmo sem ter ainda uma decisão definitiva, Eisenhower ordenou que as tropas de Patton cruzassem o Rio Sena, capturassem La Roche e que sua engenharia construísse as pontes por onde cruzariam todos os exércitos aliados.

Patton viveu dias de júbilo achando que seu plano fora aceito por Eisenhower. Entretanto, dias depois, recebia do General Bradley a notícia de que o III Exército passaria a receber a metade da gasolina que normalmente recebia. Alegava-se que o consumo da cidade de Paris estava muito alto e aumentaria ainda mais com a chegada do inverno. Com isso, Patton, que era um especialista em guerra móvel, perdia sua principal característica: a velocidade em ação. Quando Eisenhower autorizou o início da ofensiva de Montgomery, Patton deu uma declaração que irritou os ingleses: "Por que ele? Mont só venceu uma batalha - a de El Alameim. A de Mareth, eu venci para ele." Mas de nada adiantou. Montgomery fez uma lista do que precisava e Eisenhower atendeu. O próprio General Bradley criticou Eisenhower por ele ter cedido as pressões dos ingleses, dando-lhes tudo que pediram, principalmente porque Patton fora o grande destaque da ofensiva que libertou Paris.

Desesperado com o que estava acontecendo, Patton escreveu um memorando onde suplicava: "Pelo amor de Deus, Bradley, eu preciso de 1,5 milhão de galões de gasolina. Se me conseguirem, em dois dias estarei dentro da Alemanha." Mas a gasolina não veio e Montgomery começou a deslocar seu Grupo de Exércitos.

Quando Montgomery iniciou a ofensiva, contava com dois mil carros-de-combate e mais de

mil aviões. Essa força descomunal tinha uma razão de ser: as bombas voadoras V2. Voando a 300km de altura, com velocidade supersônica, eram imbatíveis para as defesas aliadas. As VI podiam ser abatidas pelos caças e pela artilharia antiaérea, as V2, não. Das oito mil VI lançadas sobre Londres, apenas 1,8 mil atingiram o solo britânico. Das 1,2 mil V2, todas acertaram o alvo. Eisenhower chegou a afirmar: “Se as V2 tivessem sido lançadas seis meses antes, a Alemanha teria vencido a guerra.”

Quando os dois exércitos ingleses, um corpo canadense e dois corpos do I Exército norte-americano puseram-se em marcha, a imprensa britânica, procurando dar ânimo ao povo, mostrava que os alemães fugiam desesperadamente. Montgomery, que não saía das primeiras páginas, tornara-se rapidamente o maior ídolo dos aliados assumindo o lugar de Patton. Cinco dias depois, ele ocupava Bruxelas e, no dia seguinte, a Antuérpia, ficando a 160km do Rio Reno, a fronteira alemã.

Nessa época, Patton vivia andando de um lado para outro, fazendo memorando, procurando conseguir gasolina. Seu desespero só terminou em novembro, quando Eisenhower mandou fornecer-lhe uma quantidade razoável do combustível para que colocasse seu exército em marcha. Naquela noite, Patton não dormiu. Chovia muito. Levantou-se várias vezes para verificar o tempo e chegou a rezar pedindo sol. Quando o dia amanheceu, nuvens escuras cobriam o céu. Não teria apoio aéreo, mas pouco se importou. Depois de sessenta dias inativo, não agüentava mais. Mandou sua artilharia abrir fogo sobre o inimigo e partiu para o ataque.

Os ingleses já anunciavam que em breve estariam em Berlim, quando Hitler transfere para a frente ocidental o herói da frente soviética, Marechal Model, grande gênio da guerra defensiva. O militar que havia parado o Exército Vermelho na Frente Oriental de maneira espetacular.

Utilizando os poderosos carros-de-combate tigres, Model conseguiu façanha idêntica; parou a

ofensiva aliada na Bélgica. O mal tempo tirara dos aliados sua maior força de ataque: a Força Aérea.

Distante dali, Patton, com a gasolina que recebera, avançou até o Rio Moselle, esperando novas ordens. Quando elas chegaram, era para cruzar o rio, ocupar Nancy e só. O que não podia imaginar que o tempo que ficara inativo fora suficiente para que Hitler colocasse um poderoso exército a sua espera. (Hitler achava que ele era o maior perigo da Alemanha nazista). Nas proximidade da cidade de Metz, os alemães o atacaram. O General Mclain, um dos comandantes de Divisão do III Exército, foi acordado com os carros-de-combate alemães a 20m de sua baraca. As perdas em homens e equipamentos foi alta. Furioso, Patton, culpou a estratégia de Montgomery. Segundo ele, o tempo que o III Exército permaneceu inativo possibilitou aos alemães tempo suficiente para montar um poderoso esquema defensivo. Utilizando sua língua ferina afirmou: “Montgomery é um incompetente. Com ele, essa guerra, que já podia ter acabado, vai durar até 1946.”

Com toda a ofensiva na Bélgica parada, Patton continuava no sul da Alemanha em meio a grande batalha e pela primeira vez na defensiva. Foi aí que começou a se preocupar com algo que ninguém estava percebendo – a grande concentração de tropas nas Ardenas. Reunido com o seu estado-maior, fez um comentário profético: “Desde Frederico, O Grande, os alemães não realizam uma grande ofensiva de inverno. Podem ter certeza senhores: é isso que eles vão fazer agora.” Colocou então seu estado-maior a elaborar um contra-ataque para interceptar qualquer ataque alemão que ocorresse naquela região.

O plano alemão existia: era jogar os ingleses e o I Exército norte-americano ao mar e depois dizimar os soviéticos que estavam na Polônia com as V2 e enfrentar a aviação anglo-americana com os novos aviões a jato. Nessa derradeira batalha, o mal tempo estava anulando a força aérea aliada e isso lhe dava grande chance de vi-

tória. Se eles conseguissem seus objetivos, por mais incrível que pudesse parecer, a Alemanha ganharia a guerra.

O Fuehrer entregou ao General Jold a estratégia da ofensiva das Ardenas. Estava sorridente, afirmando que os aliados iriam receber o que mereciam. Como das outras vezes, esse plano, para ele, era uma maravilha. Quando os marechais Model e Rundstedt viram essa obra-prima de estratégia, se opuseram totalmente. "Por quê?" Perguntou o General Jold, chefe de operações da Wehrmacht. Ao que Model respondeu: "Esse plano não tem uma droga de perna onde se afirmar, a não ser no mau tempo." Jold retrucou: "Peça ajuda ao Criador, ele está do nosso lado."

O Marechal Model deixou a sala furioso e voltou para seu QG. Quando seus generais receberam o plano e se queixaram da falta de meios, ele respondeu: "Se querem alguma coisa, peguem dos norte-americanos."

Nem Eisenhower, nem Montgomery, esperavam mais nada na frente de batalha; para ambos, a Alemanha estava derrotada. Mas se enganaram. A ofensiva das Ardenas pegou a todos desprevenidos e tornou-se um sucesso. Os marechais Model e Rundstedt começaram a dizimar todas as divisões inglesas e norte-americanas que encontravam.

Os alemães contornaram Bruxelas e, destruindo tudo a sua frente, ameaçavam cercar ingleses, canadenses e norte-americanos. Com o mau tempo, tudo parecia favorecer aos alemães. O comandante do I Exército norte-americano, General Hodges, entrou em profunda depressão, antevendo uma nova Dunquerque. Eisenhower, desesperado, reunido com seus assessores e tendo de tomar uma decisão rápida, não sabia o que fazer. A situação era de pânico total.

Reunidos no norte da França, próximo à fronteira belga, os principais generais aliados, surpresos e confusos, tentavam encontrar uma solução, a mais rápida possível. A situação era muito grave. O General Hughes começou a reu-

nião perguntando: "Eisenhower quer saber se alguém pode chegar às Ardenas a tempo de conter o avanço alemão?" O representante inglês respondeu: "Montgomery informou que precisará de 15 dias para organizar a contra-ofensiva." Quando Hughes perguntou a Patton o que ele poderia fazer, a resposta foi, para a surpresa de todos: "Posso chegar lá em 48 horas." Bradley perguntou: "Como?" Resposta de Patton: "Há vários dias estamos trabalhando nesse plano." Quando alguém comentou: "Mas vocês estão no meio de uma batalha. Você acha que seu exército conseguirá isso?" Patton respondeu: "Tenho certeza que sim. Meus homens estão bem preparados. Eu os treinei para isso. Além do mais, eles sabem, assim como eu, que os alemães ainda podem ganhar essa guerra."

George podia ser tudo: louco, grosso, desbocado... mas era um gênio. Com uma arranca-da considerada por Bradley, que sempre fez restrições ao seu comportamento, como a mais brilhante de toda a campanha, avançou para o norte com três divisões, enfrentou os alemães e venceu a batalha. Foi a consagração definitiva do controvertido general. Nessa batalha, a última de grande porte na frente ocidental, os alemães perderam seiscentos carros-de-combate e tiveram duzentas mil baixas. O último sonho e a última esperança de Hitler ganhar a guerra tinham terminado. O General Hughes comentou com os jornalistas: "Foi um feito maravilhoso. George ganhou a guerra para nós."

Muita coisa foi dita sobre ele. Nesse momento, cabe lembrar apenas a frase proferida pelo Coronel alemão Heinz Speider, assessor do General Jold: "Não fomos só nós os derrotados. Ele também está destruído. O fato de não haver mais guerra irá matá-lo. É um general de corpo e alma. Um grande anacronismo."

Sobre a batalha, Patton escreveu: "A disciplina é tudo. Nenhum exército do mundo sairia de uma batalha, andaria 200km na neve, sem comer, sem dormir, sem descansar, entraria em

outra batalha e sairia vencedor. Deus tem orgulho desses homens.”

Do lado alemão, o General Jold comentou: “Acabou. Perdemos. Queimem tudo. Com o fim da guerra, será preferível o suicídio do que sermos pegos pelos soviéticos. Eles jamais nos perdoarão.” O General Jold só cometeu um engano; os aliados também não o perdoaram. Foi preso, julgado e enforcado.

A agonia da Alemanha

Depois da vitória, Eisenhower, Bradley e mais alguns poucos generais de total confiança, elaboraram secretamente a estratégia final da guerra. Por essa estratégia, o I Exército norte-americano avançaria na direção de Leipzig e Dresden até encontrar o Exército Vermelho no Rio Elba, dividindo a Alemanha em duas. Montgomery deveria se dirigir para Hamburgo e Lubeck, isolando as forças alemãs que se encontravam na Dinamarca e na Noruega. Patton atravessaria a linha Siegfried, em Saarlouis, invadiria Frankfurt, ocuparia todo o sul da Alemanha, indo a seguir para a Checoslováquia. Por esse plano secreto, Berlim, o grande troféu, Eisenhower dava de graça para os soviéticos. Ninguém entendeu essa atitude.

Para evitar problemas com os britânicos, Eisenhower apresentou o plano a Stalin, antes de levá-lo aos ingleses. O líder comunista aceitou de imediato. Pelo plano de Eisenhower, Stalin realizaria seu maior sonho: ver a bandeira vermelha no alto do Reichstag. Churchill, quando veio a saber, fez um comentário lacônico: “Eisenhower nos traiu.”

Pelo acordo dos três grandes, o território alemão seria dividido em quatro zonas de ocupação, com mais ou menos a mesma área, sob comando inglês, francês, norte-americano e soviético. Entretanto, na estratégia do final da guerra na frente ocidental, o I e o III exércitos norte-americanos ficariam com as maiores responsabilidades. Eisenhower, devido ao fenômeno Ardenas, pare-

cia demonstrar que perdera a confiança em Montgomery. Diga-se de passagem, a culpa não foi apenas do marechal inglês, a desatenção foi geral.

Churchill, que estava querendo fazer contato com os soviéticos mais a leste possível, ficou furioso. Acusou Eisenhower de estar brincando com o futuro da Europa e de fazer política antibritânica. Alegava que, depois do que os ingleses haviam sofrido, Montgomery tinha o direito de entrar em Berlim e dar ao povo essa honra. Eisenhower respondeu que Berlim perderia sua importância militar, tendo apenas importância política e que, por isso, não correria o risco de perder cem mil homens para vencer as defesas da cidade. Churchill voltou a acusar Eisenhower de dar aos britânicos um papel secundário no desfecho final. O general respondeu: “Não pretendo entrar em choque com os soviéticos só para satisfazer a vaidade de Montgomery. Além do mais, não quero nenhum inglês ou norte-americano ganhando essa guerra sozinho.” Estava se referindo a disputa particular entre Montgomery e Patton. Churchill ainda contra-argumentou afirmando que os aliados deveriam ocupar toda a Alemanha e convidar os soviéticos para participarem do governo, mas com o Exército Vermelho o mais distante possível. O velho estadista, garantia que os soviéticos não devolveriam um palmo do território que estavam ocupando. O tempo mostrou que ele tinha razão. Essa atitude de Eisenhower iria provocar a divisão da Alemanha por quarenta anos.

Quando o ataque aliado começou, Model tentou romper as linhas de suprimento do I Exército norte-americano, mas fracassou. Dois dias depois, os norte-americanos capturavam 325 mil soldados alemães. A partir daí, as rendições passaram a ser diárias; uma média de dez mil por dia. Tudo porque ninguém queria ser capturado pelos soviéticos. Um dos fatos mais famosos é o do General Manteuffel que, de 2 de março a 26 de abril de 1945, sustentou com o III Exército Panzer alemão uma posição no Rio Oder contra

o superpoderoso Exército Vermelho. Ao perceber que a resistência seria inútil, deslocou seu exército até a zona de ocupação britânica e entregou-se aos ingleses. Os alemães que caíram prisioneiros tiveram de trabalhar dez anos como escravos na reconstrução das cidades soviéticas destruídas pela guerra. Diga-se de passagem, os soviéticos não fizeram nada a mais do que os nazistas haviam feito com os prisioneiros da União Soviética.

Confiando em Eisenhower, o Exército Vermelho só partiu em 10 de fevereiro de 1945, quando sua superioridade sobre os alemães já era considerável: em tanques de 6 para 1 e em artilharia de 10 para 1.

Ao contrário do que pensava o Alto-comando do Exército Vermelho, Zhukov não invadiu a Alemanha, partiu para o norte da Polônia temendo que o ainda muito forte Exército alemão de Gdynia atacasse seu flanco. O General Chuikov, um de seus subordinados, chegou a dizer que os norte-americanos ocupariam toda a Alemanha antes de Zhukov libertar a Polônia.

Em meados de março, com o Exército Vermelho ainda vivendo maus momentos, dentro do território polonês, no caminho de Berlim, Stalin convidou os marechais Zhukov e Konev para uma reunião em Moscou. Os marechais encontraram o ditador furioso. Antes mesmo das saudações, ele ordenou ao General Shtemenko que lesse um telegrama. O texto do serviço secreto informava que os aliados haviam invadido a Alemanha em três frentes, que os norte-americanos já tinham chegado ao Rio Elba e que poderiam atravessá-lo a qualquer momento.

Terminada a leitura do documento, Stalin disse, apenas: "Eisenhower mentiu. Fomos traídos." Houve um silêncio mortal dentro daquela sala do Kremlin. Havia ódio no rosto de Stalin. Zhukov, porém, tomando a iniciativa comentou: "Eisenhower vai cumprir a palavra. Eu o conheço bem." O ditador olhou para os dois marechais e começou a berrar: "Mas nós estamos

muito longe, ainda nem entramos na Alemanha, eles estão a poucos quilômetros de Berlim. Por que esperarão por nós? Por que diabos demoramos tanto a partir?" Com muita calma, Zhukov respondeu: "Estávamos limpando a área de Gdynia". Ao que Stalin retrucou, ainda gritando: "Muito bem. Eu quero que preparem, a partir de agora, um plano de ataque a Berlim. Dentro de dois dias quero esses planos prontos. Temos de partir em no máximo cinco dias."

Konev, que desejava ardentemente essa glória, começou a fazer de tudo para roubar a cena que Zhukov há muito vinha ensaiando. Trabalhou desesperadamente no plano. Zhukov, que já tinha no seu currículo as vitórias em Stalingrado e Kursk, fez o mesmo porque também sonhava com o momento de entrar em Berlim.

No dia 3 de abril, quando os três voltaram a se encontrar, Stalin leu os planos na frente de ambos. Depois fez perguntas, rabiscou os mapas, modificou vários pontos e decidiu confiar a Zhukov a tarefa de invadir Berlim e a Konev a função de proteger seu flanco. Entretanto, alertou Konev para que ficasse preparado, pois na eventualidade de ser encontrada muita resistência, ele desfecharia um outro ataque pelo Sul.

Apesar da demora e dos contratemplos, a operação soviética do Rio Vístula, na Polônia, ao Rio Oder, próximo de Berlim, foi um sucesso. Em 23 dias, eles percorreram 450km, aprisionando 145 mil alemães e destruindo 550 blindados.

Hitler nomeou o General Heinrici para organizar a defesa de Berlim. O General inspecionou as duas linhas defensivas ao longo do Rio Oder e ordenou que em todas as noites as divisões de artilharia recuassem 4km. Acreditava que Zhukov atacaria de madrugada. Se isso ocorresse, sua tropa ficaria fora do já conhecido e devastador fogo da artilharia soviética. Quando os soviéticos parassem de atirar e iniciassem a invasão, os alemães retornariam às posições originais e abririam fogo.

Heinrici, que recebia, de hora em hora, relatórios dos observadores na linha de frente, to-

mou uma decisão drástica no dia 15 de abril; retirou toda a sua artilharia achando que o ataque seria naquela noite. Acertou na mosca. Do outro lado do rio, nessa noite, Zhukov não dormiu. Estava nervoso, tenso, irritado. Seu médico não saía do seu lado. Às três horas da madrugada, levantou-se e fez uma última verificação de suas unidades. Depois foi para seu Bunker, colocou protetores nos ouvidos e aguardou. Às 5h o bombardeio começou. Sobre esse momento, Zhukov escreveu. “Naquele instante, toda paisagem foi iluminada pelo fogo dos nossos: canhões, obuses, morteiros e dos lendários Katyushas*, proporcionando 1.236.000 tiros. O equivalente a vinte mil toneladas de TNT foram jogados sobre os nazistas. Do inimigo não ouvia-se absolutamente nada. De repente, o fogo cessou e o céu foi clareado por 140 holofotes, posicionados a 200m um do outro. Uma luz de cem bilhões de velas clareou o campo de batalha como o Sol do meio-dia, mostrando os objetivos a serem alcançados por nossa infantaria e pelos nossos carros-de-combate. Era uma visão impressionante. Enquanto viver, jamais esquecerei. “

Quando o bombardeio soviético terminou, para ajudar o Exército Vermelho, os aliados realizaram o último grande bombardeio sobre Berlim; dois mil aviões lançaram o equivalente a dez mil toneladas de TNT sobre o que restava da cidade. Quando a infantaria e os blindados do Exército Vermelho, certos da vitória, começaram a avançar, os alemães começaram a atirar. Zhukov não podia acreditar no que via, mas o bombardeio soviético não atingira a artilharia alemã. Por volta das 13 horas, o marechal não teve mais dúvidas: as defesas de Seelow estavam praticamente intactas e dizimando o seu exército. Milhares de soldados estavam sendo mortos.

No dia 17, extremamente abatido, Zhukov falou com Stalin pelo telefone. Angustiado ao ver os frutos de seu trabalho fugir por entre seus

dedos, não teve outra alternativa a não ser recuar e dizer a verdade. O ditador simplesmente disse adeus e desligou. Horas depois o marechal recebia uma ligação de Stalin sugerindo que Konev atacasse Berlim pelo Sul e que Rokossovsky acelerasse a passagem de suas tropas pelo Rio Oder e atacasse a cidade pelo Norte.

O entusiasmo de Konev não passou despercebido. Tão logo recebeu a missão ordenou que dois de seus exércitos blindados investissem contra Berlim com a maior velocidade que pudessem. Ele tinha de chegar primeiro que Zhukov. Ao ser informado da ofensiva de Konev, Zhukov ordenou que suas tropas também avançassem. Os dois marechais repetiram a disputa de Montgomery e Patton na Sicília. As baixas em ambos os exércitos eram altas, mas nenhum dos dois pensava em parar a ofensiva.

No decorrer dos dias 18 e 19, as defesas alemãs, sofrendo o bombardeio dos exércitos de Zukov e Konev, começaram a apresentar sinais de fraqueza. A Alemanha agonizava. Em 20 de abril, os carros-de-combate de Konev chegaram a Berlim, cruzaram a auto-estrada que envolvia a cidade, mas foram barrados diante do Canal de Tecló.

No dia seguinte, venceram as barreiras alemãs, iniciaram a travessia, mas tiveram uma triste decepção: as ruas estreitas dificultavam a passagem dos tanques. Konev, então, ordenou que a infantaria entrasse na cidade de qualquer maneira. Zhukov deu a mesma ordem e os dois exércitos soviéticos entraram em luta corporal com os alemães.

Para aumentar o ímpeto de seus soldados, o locutor oficial da rádio do Exército Vermelho conclamava: “Avante soldados. Lutem. A hora da vitória chegou. Milhões de mortos se levantam nesse momento de seus túmulos e clamam por vingança; e a hora da vingança chegou.”

No dia 25, Stalin colocou um ponto final na disputa entre os dois marechais. Estabelecia novos limites de ação para os dois exércitos. Essa decisão deixou Konev arrasado. O limite para as

* Foguete montado sobre chassis de caminhões.

suas forças ficava a 15 mil metros do Reichstag: o símbolo da vitória final sobre a Alemanha nazista, onde seria içada a bandeira vermelha. Às 5h do dia 30, as tropas de Zhukov invadiram o que restava do Reichstag. Às 14h25min, os soviéticos saíram conduzindo 2.500 prisioneiros e a bandeira vermelha era finalmente desfraldada sobre as ruínas do edifício. Vinte minutos depois, os carros-de-combate soviéticos de Zukov desfilavam pelo Portal de Brandenburgo, o símbolo do orgulho nazista. A guerra na Europa terminara.

Depois da guerra

O Marechal Zhukov, por pura inveja dos seus colegas de farda, caiu em desgraça, graças à demora em seguir para o Rio Oder. Foi transferido para os Urais para ser esquecido. Stalin apoiou a medida porque também temia o prestígio do brilhante marechal. A ausência de seu nome nos textos que descreviam as batalhas era notada, mas ninguém perguntava o porquê. Quando Krushev tornou-se governante de todo o Império, Zhukov foi reabilitado. Tornou-se Ministro da Defesa e seu nome foi recolocado nas enciclopédias e nos livros de história da guerra. Dessa maneira, o povo soviético pôde saber o que o mundo inteiro já sabia - o Marechal Giorgi Zhukov fora um dos grandes heróis da vitória contra o nazismo.

Infelizmente, para a história militar, Zhukov, como Ministro da Defesa da URSS, ordenou o ataque de tanques soviéticos contra civis húngaros quando aquele pequenino país tentou ficar livre do jugo de Moscou. O grande marechal soviético não tinha o direito de decepcionar, de maneira tão selvagem, o grande número de admiradores que possuía em todo o mundo.

O Marechal Model, ao saber que fora acusado pelos soviéticos de ser o responsável pelo assassinato de 577 mil pessoas nos campos de concentração da Letônia, suicidou-se, mas antes teve uma atitude que não pode ser esquecida. Em

19 de março, depois que os aliados cruzaram o Reno, Hitler baixou a Ordem de Nero, ordenando que tudo fosse queimado na frente do invasor. Raciocinou que os bons alemães já haviam morrido, que sobrara apenas os inferiores, por isso, pouco importava que sobrevivessem. Essa política de "terra arrasada" foi, deliberadamente, sabotada pelo General Student e apoiada pelo Marechal Model, apesar de ser um nacional-socialista convicto. O marechal compreendeu que estava tudo perdido e que o melhor que se poderia fazer era deixar alguma coisa para que os que sobrevivessem pudessem reconstruir a Alemanha. Depois da guerra, investigações profundas, nos inquéritos dos crimes contra a humanidade, provaram que o Marechal Walter Model sequer tomou conhecimento dos crimes da SS na Letônia.

O General Patton, único general que os alemães temiam, após ocupar todo o sul da Alemanha, invadiu a Áustria e, depois, a Checoslováquia, libertando Pelsen em 7 de maio.

Poucos meses depois de terminada a guerra, o general deu uma declaração pública dizendo que o Partido Nazista estava para Alemanha de Hitler, assim como os partidos Democrata e Republicano estavam para os Estados Unidos. Os políticos norte-americanos ficaram furiosos. Depois de vários discursos de protesto no Congresso, Patton perdeu o comando do seu exército.

Apesar de sua má vontade com os ingleses, numa viagem à Inglaterra, ao entrar num cinema, notou, depois de começada a seção, a chegada de muitos jornalistas. Ao ser informado, retrucou brincando: "Eles devem estar pensando que sou Montgomery." De repente, a luz se acendeu e alguém anunciou sua presença. Foi aplaudido de pé. Ao sair, verificou que o trânsito tinha parado. Uma multidão o saudava e gritava seu nome. Apesar de ser um excêntrico, mal-educado e ter dito coisas horríveis sobre a Inglaterra e seus dirigentes, o povo o perdoou e o reconheceu como um grande guerreiro; um herói que não podia ser

esquecido. Duas coisas ainda podemos afirmar de George Smith Patton Jr.: pode ter sido o mais controverso general da Segunda Guerra Mundial; mas foi, sem dúvida alguma, um dos maiores gênios militares da História.

Montgomery, seu grande rival, assumiu o posto máximo da carreira militar na Inglaterra; tornou-se Primeiro *Lord* das Forças Armadas.

E Eisenhower? Hoje, sessenta anos depois de terminada a guerra, três perguntas ainda estão sem respostas. A primeira é: Por que fez tanta questão de parar o imbatível III Exército do General George Patton? Numa arrancada espetacular, na França, Patton tinha libertado Rennes, Le Mans, Chateaubriand e Avranches. Com gasolina Patton teria chegado a Berlim em fevereiro. A segunda pergunta é: Por que parou o I Exército norte-americano no Rio Elba, a 170Km de Berlim, quando o Exército Vermelho ainda estava na Polônia? A terceira pergunta é: Por que entregou Berlim aos soviéticos. Para os ingleses foi uma demonstração clara de ingenuidade em matéria de política internacional. Entretanto, por ocasião do espólio do III Reich, os soviéticos ficaram com a maior de todas as glórias, com aquilo que mais queriam: entrar triunfantes em

Berlim. O preço dessa batalha para os soviéticos foi de cem mil baixas. E os norte-americanos? Os cientistas que trabalharam no projeto da bomba voadora V2, inclusive seu diretor, Werner von Braum, entregaram-se aos norte-americanos. Um fato interessante é que nenhum deles foi a julgamento por crimes contra a humanidade, pelo que seus foguetes fizeram na Inglaterra... os norte-americanos não deixaram. O mais surpreendente foi que todos já estavam empregados nos Estados Unidos mesmo antes de se entregarem. Outro fato muito interessante foi que todas as descobertas: na química, na farmacologia, na medicina, na construção de submarinos, na ótica e ainda os protótipos do avião a jato estavam no setor ocupado inicialmente pelos exércitos norte-americanos. Será que, com a obsessão de chegar a Berlim, Stalin não percebeu isso? Será que Eisenhower era mesmo o ingênuo que os ingleses supunham? Se essa não era a sua intenção, os norte-americanos deram muita sorte.

Evidente que hoje, sessenta anos depois, tudo isso é apenas especulação; mas ainda existem muitas perguntas sem respostas.

Eisenhower foi eleito Presidente dos Estados Unidos e governou o país por oito anos. ☺

Referências bibliográficas

- KITCHEN, Martin. *Um Mundo em Chamas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- BRANETT, Correlli (organizador). *Os Generais de Hitler*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989. Coleção Biblioteca de História. Patton. S. Paulo, Editora Três, 1974.
- Coleção Biblioteca de História. Zhukov. S. Paulo, Editora Três, 1974.